

# Realismo e Impressionismo

João Ricaldes – História da Arte

**O realismo reage à estética novelesca do romantismo e pratica a arte engajada na crítica à sociedade industrial, aliando-se ao socialismo. Nas últimas décadas do século XIX, o impressionismo desloca-se da temática social, mas abala o mundo da arte, alterando para sempre as formas de produção da obra de arte, a crítica e o conceito de beleza**

## Realismo

O Realismo surgiu paralelamente ao romantismo na segunda metade do século XIX. Este movimento nasceu na França, após as revoltas de 1848 e como resposta à estética novelesca e fictícia do romantismo. Segundo o pintor Gustave Courbet, “a pintura é uma arte essencialmente objetiva e consiste na representação das coisas reais e existentes”. Nas artes visuais e na literatura o Realismo procura retratar a vida diária, evitando os rebuscamentos dos românticos, que passam a ser considerados excêntricos e distantes da vida real.

Para os pintores realistas, a imaginação na arte consiste em saber achar a expressão mais completa de uma coisa existente. O belo está na natureza e encontra-se na realidade, sob as mais diversas formas. Os realistas não se aceitam a idealização da realidade (neoclássicos), nem as premeditadas relações de cor e luz para alcançar efeitos emocionais (românticos).

Contemporâneo da Segunda Revolução Industrial (meados do século XIX) o realismo tinha como finalidade a conscientização da sociedade e que, logicamente, foi recusada pela alta burguesia. Vários escritores e pintores realistas foram amigos de intelectuais anticapitalistas.

Um dos expoentes do Realismo foi Jean-François Millet (1814 – 1875). De formação clássica, Millet rompe com a Academia e explora temas da vida dos trabalhadores rurais. Suas obras sobre camponeses foram consideradas sentimentais para alguns, exageradamente piegas para outros, mas a verdade é que as obras de Millet em nenhum momento suscitaram indiferença.

Na tepidez de seus ocre e marrons, no lirismo de sua luz, na magnificência e dignidade de suas figuras humanas, o pintor manifestava a integração do homem com a natureza. Nos pequenos gestos pode-se descobrir a capacidade de observação deste grande pintor. Exemplo disso é sua famosa tela *Angelus* (1859).

Outro destacado pintor realista foi o anarquista francês Gustave Courbet (1819 – 1877). Foi acima de tudo um pintor de paisagens campestres e marítimas onde o romantismo e idealização da altura são substituídos por uma representação da realidade fruto de observação direta. O público não viu com satisfação essa nova estética das classes trabalhadoras. Mas Courbet compartilhava opiniões de seus amigos anarquistas, como Proudhon.

## Impressionismo

Recebe o nome de impressionismo a corrente artística que surgiu na França, principalmente na pintura, por volta do ano de 1870. Este movimento, que representou uma profunda ruptura na história da arte, propôs o abandono das técnicas tradicionais, saindo dos ateliês iluminados artificialmente para resgatar ao ar livre a natureza, tal como ela se apresentava a seus olhos, segundo eles, como uma soma de cores fundidas na natureza.

O próprio nome do movimento traduz a reação negativa da crítica às experiências de seus jovens pintores: na primeira exposição do grupo no café Guerbois (onde os pintores se reuniam), ao ver a obra de Monet “Impressão-Sol Nascente”, o crítico Louis Leroy começou sarcasticamente a chamar estes artistas de impressionistas.

O que mais interessou aos pintores impressionistas foi a captação momentânea da luz na atmosfera e sua influência nas cores. Monet, líder dos impressionistas, assim definia o objetivo de sua pintura: “reproduzir minhas impressões diante dos efeitos mais fugazes”.

Já não existiam a linha ou os contornos, nem tampouco a perspectiva, a não ser a que lhes fornecia a disposição da luz. A poucos centímetros da tela, um quadro impressionista é visto como um amontoado de manchas de tinta, ao passo que à distância as cores se organizam opticamente e criam formas e efeitos luminosos. A temática de seus quadros eram cenas urbanas em parques e praças e também as paisagens.

Eis alguns extratos da crítica parisiense, que foi feroz contra os impressionistas:

“São selvagens obstinados. Por preguiça ou incapacidade contentam-se com uns borrões que representam suas impressões”, dizia o crítico Louis Leroy.

“Farsantes, um grupo de infelizes atingidos pela doença da ambição”, dizia o jornal Le Figaro em 1876.

“Um jato de tinta jogado na cara do público”, completava outro jornal da época.

A indignação da crítica se deve ao fato de que os impressionistas derrubaram dois conceitos da tradição pictórica que se mantinham desde os mestres do Renascimento: a técnica do desenho prévio à pintura e a técnica da cor local.

Ironicamente, a arte impressionista revela um traço continuísta na história da arte, uma vez que dá continuidade à busca da objetividade tão presente no realismo de Coubert. Também sofre o impacto da difusão das novidades científicas da Segunda Revolução Industrial, presentes na ótica, química e física. No seu cientificismo, “o impressionismo reflete a tendência para o conhecimento exato, dominante na cultura europeia da segunda metade do século XIX” (Carlos Cavalcanti).

A arte impressionista desenvolveu-se nas três últimas décadas do século XIX, profundamente marcado pelo triunfo do capital sobre os movimentos populares na Europa e pela adequação da sociedade às normas da burguesia.

Os grandes centros (Londres e Paris pintados por Monet e Manet) são reurbanizados e as instituições são aperfeiçoadas, no sentido de excluir e controlar as “classes perigosas”, domesticando-as - novo padrão de comportamento.

A reurbanização de Paris, durante os 17 anos do mandato do prefeito Barão de Haussmann praticamente refez a cidade (ver Estudo de Caso “Manet e a Reforma de Paris”). A reconstrução de Haussmann, homem de confiança do Imperador Napoleão III, obedecia a vários tipos de lógica: a contrarrevolução, o desejo de ter uma Cidade imperial para exibir aos estrangeiros, o lucro e o desejo de levar a modernidade à periferia (banlieu) e agradar os críticos.

Ao contrário do que normalmente se afirma sobre a relação dos artistas deste período com seu contexto social, a arte impressionista também manifesta as mudanças sociais e culturais do período. Ela própria é parte de uma nova sensibilidade social e de uma nova forma de convívio criado pela rearticulação do capitalismo da Segunda Revolução Industrial.

Há uma profunda inter-relação entre o ambiente urbano e burguês da capital francesa reformada e a obra de Edouard Manet, o precursor das novas técnicas impressionistas. Manet, oito anos mais velho que Monet, foi considerado o líder de um grupo (o grupo de Manet) que ora era chamado de realista, ora de impressionista.

De fato, sua temática, seu colorido e o tipo de desenho não convencional que introduziu na tela, fez de Manet um inspirador, além de amigo de Manet, Renoir, Degas, Bazin e outros pintores que do grupo.

A pintura moderna adotou como tema os termos dos críticos de Haussmann: a estética do movediço, do indefinido e do impessoal, a arte que declarava que o moderno era o marginal. O mito da vida moderna torna-se, assim, para seus próprios habitantes "uma campo livre de símbolos e objetos expostos, uma massa negociável de imagens; o moderno é o marginal, é ambiguidade e mistura de classes. Mas o mito é também a divisão social e o mapeamento e o controle. Duas visões contraditórias do mito da modernidade, em que o capital ao mesmo tempo torna tudo ininteligível e torna a vida cotidiana controlada" (T. J. Clark).

Na nova Paris surge uma nova sociabilidade, fruto de um novo estágio do capitalismo internacional. Mudam-se as formas de organização da produção, o ritmo do trabalho, as relações entre fornecedores, empresários e consumidores. Muda também o comportamento do consumidor: a boa regra do comprador agora era não pechinchar, mas procurar a pechincha, não obter uma roupa cortada sob medida, mas escolher uma que, de algum modo, “coubesse perfeitamente”. Surge uma nova sensibilidade, agora permeada pelo caráter anônimo e frio das novas formas de lazer, prazer, trabalho e consumo. Assim, além do novo lazer – com seus fantásticos boulevares, parques, locais de banhos e canoagem – além das novas paisagens e seus personagens malditos (prostitutas, mendigos), a arte impressionista manifesta ainda uma nova forma de interação social, marcada agora pelo impessoal.